



Moacyr Scliar e Milton Hatoum: semelhanças e diferenças *
Moacyr Scliar and Milton Hatoum: Similarities and Differences

Regina Igel**

Resumo: O objetivo deste artigo é refletir sobre as semelhanças e as diferenças entre Moacyr Scliar e Milton Hatoum no que concerne à inclusão de elementos globais e regionais na sua obra literária. Para isso, impõe-se um exame, ainda que breve e seletivo, de certas obras que melhor ilustrem seu respectivo acervo em termos de espacialidade ou localidade nas respectivas tramas.

Palavras-chave: Elementos étnicos. Moacyr Scliar. Milton Hatoum.

Abstract: The purpose of this article is to reflect on the similarities and differences between Moacyr Scliar and Milton Hatoum regarding the inclusion of global and regional elements in their literary work. For this, we need to do an examination, albeit brief and selective, of certain works that best illustrate their respective holdings in terms of spatiality or locality in their plots.

Keywords: Ethnic elements. Moacyr Scliar. Milton Hatoum.

Estes dois escritores brasileiros – Moacyr Scliar (1937-2011) e Milton Hatoum(1952-) são vistos por estudiosos, em geral, como “escritores étnicos”, pois cada um deles fez, de seu legado étnico-cultural, o fulcro de suas obras literárias. Scliar desvendou os judeus no Brasil, começando pela comunidade judaica no sul do país, enquanto Hatoum destaca a comunidade de imigrantes de origem libanesa no Norte. Dos polos norte e sul, dois romancistas que, entre tantos brasileiros dedicados à arte de escrever bem, revelam seus talentos como narradores ao mergulharem na atmosfera física, cultural, psicológica e moral em que cresceram. Esses são alguns dos pontos coincidentes expressados por eles em relação ao meio ambiente que transpuseram à vida literária. E, ao mesmo tempo, há vários outros elementos que, ao contrário, expõem uma perceptível distinção entre os dois, seja pelo encaixe de suas experiências no labor literário, pela atmosfera que distribuem entre as narrativas, ou seja pela diferença de intensidade da cor local que impregna suas narrativas.

A intenção deste estudo é refletir sobre as semelhanças e as diferenças entre os dois escritores no que concerne à inclusão de elementos globais e regionais na sua obra literária. Para isso, impõe-se um exame, ainda que breve e seletivo, de certas obras que melhor ilustrem seu respectivo acervo em termos de espacialidade ou localidade nas respectivas tramas.

Nas obras do glorioso e pranteado Moacyr Scliar, destaca-se a imensidão espacial na contextura das narrativas ao projetar a figura do judeu no panorama brasileiro. Ele começou com o judeu gaúcho, assim identificado por sua integração ao Rio Grande do Sul, na imensidão dos pampas e nos labirintos urbanos, principalmente de Porto Alegre. Fica óbvio, na leitura das obras de Scliar, que uma de suas maiores características é o deslocamento dos seus personagens. Eles podem ser encontrados em Porto Alegre, percorrendo ruas, avenidas, o porto, as margens do Guaíba, ou nas praias e nas fazendas inseridas nos pampas. Na selva amazônica, no Rio de Janeiro, em São Paulo, em Jerusalém ou no Marrocos, as criaturas de Scliar são multifacéticas e multiformes. Nesse ponto, pode-se perceber seus personagens globalizantes, pois eles penetram por quaisquer ambientes, sejam brasileiros ou estrangeiros, familiares ou desconhecidos.

Tanto pode ser uma moça que, ao contrário de todas as apostas, se fez protegida e amada pelo rei Salomão (*A mulher que escreveu a Bíblia*), quanto um judeu diferenciado que realizou todos os seus sonhos de integração na burguesia brasileira (*O centauro no jardim*) – é o espaço onde se locomovem os personagens que mostra o impacto da presença judaica no meio ambiente.

Em todos os seus romances ou contos, e mesmo entre as crônicas, deparamo-nos com espaços que se espriam por emaranhados urbanos, penetrando pelo mundo todo. Qual seria o significado dessa ansiedade de movimentação que se observa nos seus personagens? Ao ponderar sobre essa pergunta, seria o caso, por exemplo, de se pensar que a natureza do “judeu errante” que está presente em suas obras, mas com um “desvio”. Ao contrário da famigerada lenda, pela qual os judeus teriam sido condenados a vagar pelo mundo até o final dos tempos, o judeu de Scliar se desloca pelo mundo, desafiando a praga do nômade legendário, ele tem para onde regressar. Não é mais um Ahasverus, aquele que foi condenado a perambular pelo mundo. Na obra do gaúcho, o desenraizamento dos judeus é destruído, fazendo com que lhe seja possível voltar ao ponto de partida. Acabou a perambulação. O judeu agora tem um destino, pode ir, pode vagar, mas tem para onde voltar – que pode ser tanto o monte Sião quanto os pampas sulinos, ou o Rio de Janeiro.

A vastidão do mundo é percorrida no espaço e também no tempo. Um bom exemplo dessa habilidade em gerenciar saltos espetaculares entre terras e eras, está no romance *Na noite do ventre, o diamante*. Nele, o escritor faz com que o percurso mundial de um diamante comece do Arraial de Cabra Branca, um lugarejo localizado no âmago de Minas Gerais. Descoberto no século 17, no auge da exploração diamantina e aurífera, a “pedra branca” percorre meio mundo, metida num saquitol repleto de brilhantes arrancados do solo brasileiro pelos portugueses. Do Arraial, depois de mil e uma peripécias de seus transportadores, a pedra preciosa chega a uma humilde cabana de judeus, no interior da Rússia, engastada num anel. A dona da casa o enfiava pelo dedo anular somente nas noites de sexta-feira, para homenagear a chegada do sábado. Mas dali em diante, por causa dos *pogroms* ou ataques de bandos de russos armados contra os judeus, o anel já não poderia ser exposto. Os habitantes da cabana tiveram que fugir da sanha dos russos e o diamante teria de viajar com eles, mas escondido. A forma ideal para isto seria ser deglutido. E o foi. O escolhido para escondê-lo foi o filho mais novo do casal. Pela boca, o diamante desce até o escuro do seu ventre. Incrustado e estacionário nas mangueiras digestivas do rapaz, acabou voltando ao Brasil, pois a família imigrou para a América do Sul. O brilhante se tornou passageiro vitalício nas argolas intestinais do rapaz, que se fez homem, enquanto a pedra se recusava a sair do seu espaço. E assim foi dar de volta, por um desses caprichos do destino e do comando do escritor, naquele mesmo Arraial de Cabra Branca, de onde havia sido extraída.

O diamante escondido é, obviamente, uma alegoria. Transfigurado nessa pedra, cuja preciosidade foi ambicionada e ainda é por muitos, o judeu foi arrancado do seu terreno e levado a percorrer o mundo, escondendo-se e desviando-se de seus perseguidores. No romance de Scliar, o brilhante é uma irônica constatação, em termos literários e metafóricos, de como os judeus atravessaram séculos e países, sem encontrar apoio em nenhum lugar. Até que voltaram – como o diamante aninhado no interior do imigrante – à sua terra natal.

Essa não é a única narrativa de Scliar onde seus personagens são levados a percorrer o mundo, transformados e remoldados de uma a outra etapa etária. Os romances *A estranha nação de Rafael Mendes* (1983) e *Os vendilhões do templo* (2006) são dois exemplos de reencenação da história judaica, como inserida nos anais da história universal. Nessas narrativas, como em *Na noite do ventre, o diamante*, histórias e personagens abarcam vários séculos e paisagens geográficas, saltando de um quadro para outro, no espaço e no tempo, usufruindo da universal “licença poética”, que o autor soube utilizar com presteza, animação e coerência. Scliar outorgou tal mobilidade espacial a seus personagens, que eles chegaram a transpor os limites do real para invadir o surreal. É no surrealismo literário que o escritor compõe uma história judaica que se complementa àquela contada nos anais

públicos e “legais”. Suas narrativas se apoiam na história e a mitificam. A mitificação da história é o ponto principal de seu legado literário.

Milton Hatoum é o segundo escritor que, depois da Segunda Guerra Mundial, avançou nossa percepção sobre uma comunidade de imigrantes. Levando ao conhecimento do mundo o conteúdo e o contorno da comunidade de origem libanesa no Amazonas, Hatoum tende a intensificar os enredos dos seus romances aos limites, ainda que quase infinitos, da floresta amazônica. É no seu emaranhado e também nos redutos urbanos que se abre, como uma clareira mágica, a arte literária de Hatoum, ao soprar vida a personagens que entram nas suas histórias pelos moldes vistos e vividos no ambiente dos imigrantes e seus descendentes, entre eles o próprio autor. Considerado escritor “regionalista” por alguns estudiosos, ele faz reviver o cosmos amazônico nas suas histórias, fazendo com que inúmeras narrativas penetrem por seu universo esfuziante de cores, aromas, volumes e diversas atmosferas. O “regionalismo” de sua obra se coaduna à ideia de um trabalho literário específico a uma região física, no caso, a cidade de Manaus e seus arredores. (O autor não aceita esta qualificação, o que não impede que críticos assim o considerem.)¹

Ao contrário de Scliar, que transportou seus personagens e tramas aos confins do mundo, fazendo-os ir e vir em constante vaivém, a direção dos habitantes das narrativas de Hatoum é em mão única. Ele mostra preferência em focalizar imigrantes do Oriente Médio, muçulmanos e cristãos, que se estabeleceram principalmente em Manaus, cidade híbrida que é tão urbana quanto rural. O escritor revela, em seus romances *Relato de um certo Oriente*, *Dois Irmãos* e *Cinzas do Norte* e em muitos dos seus contos, como a cidade é lentamente tragada pelo processo de industrialização, investimentos imobiliários e por outras aspirações de índole financeira. Além das interações entre imigrantes, suas narrativas revelam também diálogos e contatos com indígenas e descendentes dos primeiros europeus na cidade. Entre estes e aqueles, o manauara, isto é, o nascido na terra, não índio, não europeu, não semita, é fruto da mescla de todos os que aportaram àquela “cidade ilhada” (título de um de seus livros de contos). Hatoum revela tanto a cegueira quanto ao sofrimento do povo manauara, seja como ávidos investidores e desmedidos às consequências ao meio ambiente, seja como defensores do território natural contra a ganância humana. O quanto tem isso de “regionalismo”, tem também de universal. Como os escritores que são rotulados como “regionalistas”, e assim passaram para a posteridade (Graciliano Ramos, Érico Veríssimo, Rachel de Queiroz, Paulo Jacob), o manauara Hatoum ancorou sentimentos e obsessões humanas de caráter universal em pessoas e conflitos inerentes à região onde nasceu e cresceu.

Reerguendo a proposta lançada no início deste artigo: o quanto Scliar e Hatoum têm em comum e em diferenças, como elementos notáveis em seus trabalhos literários? Para complementar essa pergunta, aqui vai outra: Qual é a importância destes dados diferenciais ou coincidentes no exame desses escritores?

Tudo indica que a primeira das coincidências entre eles é que ambos se inclinaram para suas respectivas comunidades imigratórias e as transpuseram a suas narrativas. Scliar precedeu a Hatoum por alguns anos, daí que terá sido a inspiração desse último. Ambos são escritores cosmopolitas e, ao flagrarem e forjarem vidas de imigrantes e de outros, estenderam suas tramas a perspectivas filosóficas, éticas, estéticas e também humorísticas. Mas além dos limites urbanos, ambos cooperam para um melhor conhecimento da história da imigração no Brasil, por narrativas que destacam expatriados e seus descendentes sob uma variedade de fortes emoções: melancolia incitada por saudades, atrevimento encorajado por novos horizontes, audácia estimulada por ambição, recolhimento provocado por frustrações, entre tantos outros sentimentos. Esse acervo espiritual, mental e físico faz parte do material recolhido pela convivência dos escritores com brasileiros e estrangeiros, numa variedade de circunstâncias, episódios, e passagens que foram transmudados na superfície dos seus relatos.

Em que Scliar e Hatoum diferem quanto a seu repertório literário? Scliar já não se encontra entre nós, daí que se pode inferir sobre sua obra (como publicada até hoje): ele desenraizou seus personagens do *locus* brasileiro e os levou a se desenvolver em outras paragens, outras terras, outros tempos – entrando e saindo do mundo real e do mundo suprarreal. A diversidade de lugar e tempo na sua ficção se coaduna com a variedade de seus personagens: brasileiros, portugueses, estrangeiros em geral, judeus, cristãos, ateus e agnósticos, pobres e ricos, jovens e idosos, presentes e históricos, reais e surreais.

Hatoum, que ainda poderá publicar muito em sua vida, pode ser visto como um escritor mais centrado na sua terra natal, no seu rincão amazônico, para onde ele faz convergir vários tipos de personagens. Também diferem dos habitantes das obras Scliar quanto às “roupagens” étnicas: são índios, imigrantes libaneses, seus filhos e netos, atraídos pela magnificência da floresta e pelas possibilidades de enriquecimento, nem sempre menos do que espúrias, como as praticadas por predadores financeiros, alguns fora da órbita indígena-libanesa. Refletindo uma Manaus *in transit*, sempre em mudanças e nas mãos de espertalhões, forasteiros ou nativos, os personagens de Hatoum, em geral, apresentam-se de duas formas: de uma perspectiva, permitem-se toda sorte de atividades, desde que satisfaçam suas ambições íntimas ou explícitas, desde que cheguem a concretizar seus planos, visíveis ou invisíveis; de outro lado, passam a ser incapacitados por suas frustrações, desejos insatisfeitos, súbitas mudanças nas suas vidas.

Como a âncora do escritor é o Amazonas, como ele o viveu, absorveu e dele teve de afastar-se para vê-lo melhor, nisto reside a qualificação “regionalista”. Mas ele vai além dos hábitos e costumes arraigados na região, expandindo-se por sentimentos humanos que são reconhecíveis em qualquer canto do mundo. Não são dependentes de um único lugar, de uma única época ou paisagem – ainda que os rios, os igarapés, as palafitas, as mansões e a exuberância amazônica sejam imprescindíveis para que se possa acompanhar a transformação das lendas em fatos.

Em suma, as diferenças entre Scliar e Hatoum podem ser decodificadas assim: Scliar transformou a história “oficial” (essa que conhecemos em volumosos ensaios e outras obras) em relatos fantásticos, desconstruindo fatos e os rerepresentando como mitos. Hatoum fez o contrário: dos mitos trazidos pelos libaneses, das lendas que pululam pela Amazônia dos brancos, indígenas e caboclos, ele reconstruiu a história dos amazonenses, expatriados e manauaras.

Qual é a importância em compará-los? Porque eles são os dois pilares que ergueram o que se poderia classificar como “literatura étnica” no Brasil, depois da Segunda Guerra Mundial. Antes deles, alguns escritores puseram certo grau de atenção a imigrantes e estrangeiros em geral, lembrando *Canaã*, de Graça Aranha (1902), que incluiu dois imigrantes portugueses na ficção brasileira; também Mário de Andrade, em *Amar, verbo intransitivo* (1927), conjugado pela astuta *frau* no convívio paulistano, assim como Antônio de Alcântara Machado, que penetrou pelos cortiços italianos e ítalo-brasileiros em *Brás, Bexiga e Barra Funda* (1927). São obras que marcaram nossa literatura, mas são vasos isolados. Como pioneiros no terreno, pode ser que tivessem inspirado tanto Scliar quanto Hatoum. Esses, não só deram continuidade ao tema, como nele se aprofundaram, ampliando e resgatando áreas que somente poderiam ser iluminadas pela convivência com os grupos descritos e revividos nas suas obras. A contribuição desses dois escritores para o conhecimento das comunidades de expatriados, principalmente os que chegaram depois da Segunda Guerra ao país, é inestimável. Por eles, aprendemos mais do que qualquer livro de história poderia ensinar, pois narrativas ficcionais tendem a mostrar as dobras de civilizações transportadas para o Brasil em áreas e recantos em que a história oficial não penetra. Uma vez a trilha aberta, escritores mais jovens e altamente produtivos têm contribuído para o tema do imigrante no Brasil, seja de qual nacionalidade for. No entanto, é inescapável a influência tanto de Scliar quanto de Hatoum na preferência e dedicação pelo tema.

* Uma versão deste artigo foi publicada em *Amazônia Judaica*, ano 3, n. 4, em julho de 2011, a cujos diretores, Elias e David Salgado, agradecemos a permissão para publicá-lo aqui.

** **Regina Igel** é Professora Titular na Universidade de Maryland e coordenadora do Programa de Português na mesma instituição.

Notas

¹ Ver: "Milton Hatoum contesta conceito de literatura regionalista", entrevista a Sylvia Colombo. *Folha de S. Paulo*, 14 de fevereiro, 2009.